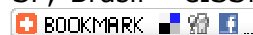


*Resenhas***RESENHA COMPARATIVA: A NOVA CLASSE MÉDIA E OS BATALHADORES BRASILEIROS***Reviews***COMPARATIVE REVIEW: THE NEW MIDDLE CLASS AND THE BRAZILIAN “BATALHADORES”**

Helton Luís Silva*

<http://lattes.cnpq.br/9868537681408904>heltonlsilva@terra.com.br**CAMINE: Cam. Educ. = CAMINE: Ways Educ.**, Franca, SP, Brasil - eISSN 2175-4217 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

NERI, Marcelo. **A nova classe média**: o lado brilhante da base da pirâmide. São Paulo: Saraiva, 2011.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

O plano conceitual do livro *Os batalhadores brasileiros* se apóia numa discussão sistematizada no resultado de pesquisas qualitativas, apoiadas no enfoque teórico engendrado numa discussão que perpassa autores como Karl Marx, Max Weber, Bourdieu e Boltanski. No sentido de agendas políticas, o livro considera, a partir do governo Lula, o aparecimento no cenário brasileiro de uma nova ideia de classe social, a classe média brasileira. Sua luta, seu engajamento ou ‘um lugar ao sol’, desbrava caminhos sociais a serem ainda delineados. As condições familiares, a luta por novos meios de engajamento em relação ao trabalho e ao conceito de sociedade, enquanto participante do retrato brasileiro de uma classe que cresce a cada dia e movimenta todo dia a realidade de um país desigual, na distribuição de renda e no olhar pautado em uma agenda política de equidade e equilíbrio gerencial.

* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Análise de Políticas Públicas – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Graduação em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

A pesquisa empírica crítica dá-se em primeiro momento no período de 1996 a 1998 – em Brasília. Quatro pesquisas, sendo as três primeiras com uma amostragem de seiscentas pessoas, submetidas a amostras domiciliares em que perguntas baseadas na *Internacional Social Survey Programme* (ISSP) levaram a reflexões de “[...] chavões conservadores da classe média esclarecida.” (SOUZA, 2012, p. 370) A quarta pesquisa (1998), no Distrito Federal, utilizando o método Frankfurtiano, evidencia as diferenças do mundo social por pertencimento de classe (educação e renda como critérios). As entrevistas realizadas foram fundamentais, porém passaram por uma contextualização – percepção dos interesses – “[...] muitos deles inconsistentes e pré-reflexivos” (SOUZA, 2012, p. 371).

Jessé Souza aprofunda a discussão e compromete-se com o pensamento weberiano em que “[...] o interesse da pesquisa é o que constitui o objeto de pesquisa e o método de acesso a ele.” (SOUZA, 2012, p. 372) A quarta pesquisa se detém em entrevistas acontecidas durante um ano e repetidas várias vezes, numa amostragem entre duzentas a duzentas e cinquenta pessoas. As observações acontecem junto ao meio social a que estão inseridos os entrevistados, levando em conta contradições, inconsistências e lacunas das entrevistas anteriores, em que uma grande amostragem possibilitava a projeção de resultados colhidos a partir de apenas uma entrevista.

O desenho traçado por Neri (2011) processa apontamentos de dados e índices que apóiam em definitivo o foco da pesquisa. Há, no entanto, outras ferramentas documentais. As considerações e o produto de sua pesquisa reafirmam a demanda de atributos da gestão governamental implicada no processo da reafirmação da ‘nova classe média’. Os números são por si só definidos a partir de órgãos confiáveis e reafirmam o posicionamento de Neri junto ao discurso proposto no mote pesquisado. O trabalho fornece suporte claro e pertinente de um olhar que se posiciona propenso ao positivo argumento governamental, salientando o compromisso engendrado no mandato do presidente Lula em relação a políticas públicas assistencialistas e implicações no cenário brasileiro, utilizando um plano de amostragem pertinente. O foco da pesquisa objetiva-se na ampliação dos aspectos conceituais sob um olhar estatístico em relação à percepção da classe média. Ao seguir a linha da pesquisa quantitativa, o autor percorre a régua da história brasileira

focando as décadas anteriores (a crise econômica, a ascensão do Cruzado em seus diferentes planos, FHC e o Plano Real), direcionando um olhar perspicaz sobre os momentos econômicos que marcaram os rumos da pirâmide social do país. Porém, Neri discorre sobre o período que marca o mandato presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva, iniciado em 2003. Há ponderável reflexão sobre o período de 2003 ao final de 2009 (crescimento econômico), de modo que os gráficos expostos demonstram aumento na renda per capita brasileira, em que o substancial crescimento ocorre em relação à pobreza. “De 2003 a 2009, a taxa de crescimento do PIB per capita foi em média de 2,88% ao ano, sendo superada em 1,83 pontos percentuais ao ano pela renda da Pnad, de 4,71% ao ano, e a perspectiva aqui seguida.” (NERI, 2011, p. 24).

Uma das contribuições de Souza (2012) é o resgate de uma leitura crítica em relação aos novos rumos históricos brasileiros. É a luta por um Brasil que sangra e sente a cada dia, o empenho por rumos que caracterizem o discurso que se sustenta constitucionalmente: a igualdade de direitos e a possibilidade de um contexto social mais justo, aos batalhadores que almejam que o *sol seja tão próximo quanto dos que dele já se fartam*. Faz referência direta à inclusão social e a aspectos distributivos de renda (poder de compra). Há parcelas da sociedade que estão predestinadas a condições vexatórias e indelévels à condição de pertencimento sociocultural brasileiro. Engajadas na euforia perseguida de uma vida melhor e no empenho por transformar seu sofrido histórico vivencial, desafiam os momentos de crise econômica. A condição da religiosidade como foco de orientação e apoio psicossocial é fator preponderante - as intempéries de um país politicamente instável e contraditório. Os descaminhos são visíveis. A cooperação, a legitimidade das relações, o convívio e a integração dessa classe, editam ajustes que são aplicados ao seio social. Posteriormente, implica na relação dos mesmos ao mercado e ao capitalismo.

Em Neri (2011), a classe C ganha nova nomenclatura, como a *nova classe média*. A intenção do material (estratégia reducionista) é possibilitar através da compreensão de informações ofertadas no Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) (na dimensão renda), identificando “[...] a magnitude relativa das causas e a sustentabilidade das mudanças observadas” (NERI, 2011, p. 13), no que tange à divisão das classes sociais (pirâmide). Neri aponta ao oferecimento de

informações via dados e a transformação e gerenciamento dos mesmos em conhecimentos práticos decorrente da valoração da renda (classes A, B, D, E – C (nova classe média)). Da análise das vivências pessoais através da visão estatística, o livro percorre temporalmente o deslocamento dos indivíduos nas classes sociais da pirâmide. Há também a articulação de perguntas diretas empregadas no intuito de “[...] entender o coração e a mente dos brasileiros.” (NERI, 2011, p. 14), chegando à percepção provável de um sentimento otimista em relação à busca da felicidade futura. A relação de classe piramidal tem como ponto de análise e entendimento de pontos de divisão (classes A, B, C, D, E) o dinheiro acumulado junto ao eixo familiar.

No mesmo leque de pensamento, o livro *Os batalhadores brasileiros* conduz a um olhar que interage a análise das contradições entre a nova classe e a antiga classe média. Essa por sua vez, determina em sua crítica o desprezo e o abandono de elementos circunstanciais de reflexão sobre os batalhadores. Evidenciados em lástimas pelo eixo das instituições de ensino e a residual atuação midiática, em que não há outro apelo senão a renovação da pobreza e enquadramentos ao velho posicionamento sócio-piramidal. “Todas as sociedades têm os seus ‘profetas da boa ventura’ – que Max Weber percebia desde o judaísmo antigo, os quais vendem o mundo que efetivamente existe como o melhor dos mundos possíveis...” (SOUZA, 2012, p. 20). Ainda em Souza (2012), a classe média se alicerça sobre o cunho cultural ou capital cultural, no empenho por estabelecer-se socialmente.

A classe C no Brasil delinea-se em equivalência seguindo a Goldman Sachs, como proximais enquanto crescimento do poder de compra (medido pelo PPC) em relação ao contexto mundial, com características que se assemelham a realidade da classe média mundial. Neri (2011) aponta como avanço significativo da nova classe média a aplicação das políticas engendradas a partir do governo Lula. O crédito torna-se disponível a possibilidade de aquisição de bens. As políticas de transferência de renda são angulares, no projeto do governo Lula. Dois índices são determinados, a título comparativo: índice de geração de renda e potencial de consumo. A evolução ou o crescimento facultado a comparação entre o índice de geração de renda e o potencial de consumo foi de 38% entre 2002 e 2009.

Reportando ao predomínio de embates políticos, midiáticos e institucionais em *Os batalhadores brasileiros*, a pesquisa explicita um pensamento dual (direita/esquerda) num Estado presente, em suas devidas proporções e conceitos.

Já a metodologia empregada no livro *A nova classe média* contabiliza determinantes estatísticos que agrupam as cinco possíveis classes em três seqüências lógicas: E, D / C / B e A. Questões como a desigualdade social, aferidas, por exemplo, pelo índice de Gini, traçam gráficos efetivados no ano de 2009, quando os dados denotam aproximação significativa em relação aos números mundiais.

Em Souza (2012), as questões relativas à luta diária, de uma modernidade capitalista brasileira em que atitudes e contradições socioculturais contrapostas à determinação desta nova classe, assumem características implicadas num campo de trabalho competitivo. “Associar classe à renda é ‘falar’ de classes, esquecendo-se de todo o processo de transmissão afetiva e emocional de valores, processo invisível [...]” (SOUZA, 2012, p. 47) A batalha por um lugar ao sol, a problemática de um futuro ainda por se ‘edificar’ e a busca por um espaço mercadológico adverso, é desafio dos que batalham a sombra de um referencial de exploração e de outros aspectos sociais integrados ao contexto brasileiro, aponta Jessé. Todavia, os batalhadores interagem de forma positiva aos embaraços e articulações de mercado. Assumem realidades competitivas, oportunizando muitas vezes, construtos significativos de vida, consigo mesmo ou na coletividade. Priorizam objetivos e especulações em um capitalismo selvagem, contemporâneo. Sublinha genial discurso ao sedimentar uma viagem ao viés de um Brasil ainda distante de um compromisso realmente plausível em detrimento ao que realmente importa: o respeito e a dignidade que deve ser integrante de uma verdadeira linha gerencial e de agenda política, a sociedade como um compromisso real. A desigualdade social é tema recorrente e, “[...] toda *economia* é igualmente uma *economia política* e também uma política econômica.” (SOUZA, 2012, p. 268, grifo do autor), funções de um Estado que interfere no mercado, de forma redistributiva ou restritiva. O microcrédito, a poupança, são dimensões significativas no processo de construção de um contexto mercadológico em relação aos trabalhadores. Quanto ao aspecto religioso, o livro *Os batalhadores brasileiros* direciona ao pentecostalismo uma forma tipicamente moderna de religiosidade das classes dominadas, em sintonia com as

formas modernas de exclusão e dominação engendradas pelo capitalismo e pela modernidade. O sucesso dessa religião está na sua relação com os indivíduos, tanto a ralé quanto aqueles que ascendem socialmente (trabalhadores). O *habitus* tem papel fundamental na religiosidade e classe social. As condições motivacionais e o apoio sócio cognitivo aos que freqüentam, possibilita uma sistematização interna e o gerenciamento das relações com o mundo que os rodeia.

Já em Neri (2011) há uma visão otimista de novos anseios de vida (a busca pelo amanhã enquanto sistematização de sua sobrevivência e manutenção dos padrões alcançados), com símbolos característicos: a carteira de trabalho; a luta efetiva pela carteira de trabalho;¹ empreendimentos fordistas (competição acirrada em seus respectivos segmentos); benefícios e crédito em vias governamentais, apesar das deficiências das políticas públicas; educação regular: prioridade que levará o trabalhador ao enredo produtivo; o consumo de serviços públicos qualitativos, junto ao setor privado (escolas, planos de saúde e previdência); o avanço do ensino profissional como foco da nova classe média; número reduzido de filhos no seio familiar – média de dois filhos – levando a uma maior concentração de renda; a informalidade dos chefes de família determinaram uma estimativa que alcançou cerca de 57% da pobreza. Ou seja, a informalidade é a grande vilã da classe E, não o desemprego. Neri discorre que há que se evidenciar e delinear agendas políticas de enfrentamento da informalidade (pontos de trabalho e suas possíveis razões). Melhor dizendo, a classe C em 2011 detinha como poder de compra 46,6%, além da maioria no pleito eleitoral. O crescimento estimado da nova classe média, de 1993 a 2011, foi de 59,8 milhões de pessoas (55% da população). 50,6% da pobreza assumiram novos ares junto à realidade social brasileira (105 milhões de pessoas). Em *A nova classe média*, a manutenção econômica dirigida no país sob o governo Lula gerou como efeito circunstancial o que se chamou de ‘choque de confiança’, sob o arcabouço de três aspectos básicos: o câmbio flutuante, metas de inflação e responsabilidade fiscal.

Determinada, a classe de trabalhadores brasileiros (SOUZA, 2012) mostra significativamente a possibilidade de compreender os rumos do capitalismo no país.

¹ “Crédito e benefícios oficiais fazem parte da cena da classe C, mas como coadjuvantes [...] A carteira de trabalho é o maior símbolo da classe C como ato consumado, e o concurso público é seu platônico objeto de desejo.” (NERI, 2011, p. 168)

Essa nova classe trabalhadora no mote histórico a ser projetado dependerá, entre outros aspectos, da participação do Estado na elaboração de agendas contribuam na análise e ampliação dos novos rumos sociais brasileiros. O cenário econômico brasileiro enfatiza relações que marcam cada um dos planos sustentados nas administrações que se surgiram: a relação entre questões sociais e econômicas em suma, perpassando pelos diferentes planos até a mega inflação – avanços substanciais na evolução de classes. Com a implementação do real, segundo Neri, há um significativo crescimento da nova classe média. “A nova classe média é mais representativa da classe média mundial do que a americana... Logo, quase todos os países que se compararem aos padrões americanos serão considerados pobres, sejam africanos ou latino-americanos.” (NERI, 2011, p. 84).

Contudo, em Souza (2012), mesmo que no contexto político brasileiro haja políticas públicas assistencialistas figurando em diferentes setores sociais, muito há que se pautar junto ao enlace gestacional desses caminhos que estão aí. A possibilidade de uma sociedade menos desigual e engajada na reflexão de oportunidades e na crítica plausível que se pontua em relação à distribuição de renda o Brasil. Os batalhadores são o ‘grito de alerta’ para um novo episódio do cenário brasileiro, uma mostra clara de um povo que constrói e se reconstrói a cada crise, a duras penas, mas não menos participante da premissa de um povo que sonha, ri e chora na construção de realidades proximais de vida.

Resenha recebida em: 31/08/2014.

Aprovada em: 05/02/2015.